

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

**O CONCEITO DE PENSAMENTO NA FILOSOFIA DE RUDOLF
STEINER**
**ANÁLISE DAS OBRAS: A FILOSOFIA DA LIBERDADE, O MÉTODO
COGNITIVO DE GOETHE E A EDUCAÇÃO PRÁTICA DO PENSAMENTO**

Alice Carolina Bastos Carvalho Machado

Uberlândia
2019

ALICE CAROLINA BASTOS CARVALHO MACHADO

**O CONCEITO DE PENSAMENTO NA FILOSOFIA DE RUDOLF
STEINER
ANÁLISE DAS OBRAS: A FILOSOFIA DA LIBERDADE, O MÉTODO
COGNITIVO DE GOETHE E A EDUCAÇÃO PRÁTICA DO PENSAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia como requisito básico para a
obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em
Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Lucas Nogueira Borges

UBERLÂNDIA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

ALICE CAROLINA BASTOS CARVALHO MACHADO

O CONCEITO DE PENSAMENTO NA FILOSOFIA DE RUDOLF STEINER

ANÁLISE DAS OBRAS: A FILOSOFIA DA LIBERDADE, O MÉTODO COGNITIVO DE GOETHE E A EDUCAÇÃO PRÁTICA DO PENSAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia como requisito básico para a
obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em
Filosofia, pela seguinte banca examinadora:

Uberlândia, 12 de Julho de 2019

Prof. Mestre Lucas Nogueira Borges
Orientador – Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Jakob Hans Josef Schneider
Professor do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que fez com que meus estudos fossem possíveis, em especial a minha avó Dalva (in memoriam) que sempre me incentivou nos estudos desde a infância.

À minha mãe pelo colo e palavras de incentivos sempre. Ao meu pai pelos ouvidos sempre disponíveis para falar sobre a pesquisa. Às minhas sobrinhas por me alegrarem mesmo estando distante.

Agradeço aos amigos que durante a produção deste trabalho me ouviram e me deram força e incentivo para prosseguir com ele.

À Dra. Tânia e à Maria Inez que me indicaram as leituras e me inspiraram nos estudos da Antroposofia.

À Universidade Federal de Uberlândia na figura do meu orientador Lucas que além de orientador foi um incentivador durante toda pesquisa.

Agradeço Prof. Dr. Jakob Hans Josef Schneider pelo seu trabalho de leitura e correção do trabalho, bem como a imensa contribuição para a continuação dos meus estudos em Antroposofia.

RESUMO

O presente trabalho aborda a vida do filósofo austríaco Rudolf Steiner e seus questionamentos pueris até o encontro com aquele que seria a base para a fundamentação de sua Antroposofia: Goethe. Neste momento parte-se para o estudo do conceito de pensamento de Rudolf Steiner em três de suas obras, a saber: O método cognitivo de Goethe, a conferência A educação prática do pensamento e A Filosofia da Liberdade, obra que segundo o próprio autor contém as fundamentações filosóficas de sua Ciência Espiritual. O trabalho fará o percurso do autor por essas obras, analisando a importância de tal conceito e a relação do conceito estudado nas obras com a forma do homem conhecer o mundo, através da observação e da percepção, bem como a relação com sua vida cotidiana. Abordará ainda a relação entre pensamento e consciência, explicando porque o pensamento é anterior a ela. Explicará ainda a visão monista que o autor defende e sustenta através da forma como ele conceitua o pensamento.

Palavras-chave: Pensamento. Steiner. Percepção. Observação. Homem. Conceito.

ABSTRACT

The present work deals with the life of the Austrian philosopher Rudolf Steiner and his childish questions until the meeting with the one that would be the basis for the foundation of his Anthroposophy: Goethe. At this point it goes on to study the concept of thought of Rudolf Steiner in three of his works, namely: Goethe's cognitive method, the conference The practical education of thought and Intuitive thinking as a spiritual path: a philosophy of freedom, a work that according to the author himself the philosophical foundations of his Spiritual Science. The work will make the author's journey through these works, analyzing the importance of such concept and the relation of the concept studied in the works with the way of the man to know the world, through observation and perception, as well as the relationship with his daily life. It will also address the relationship between thought and consciousness, explaining why thought precedes it. It will also explain the monistic view that the author defends and sustains through the way he conceptualizes thought.

Keywords: Thought. Steiner. Perception. Observation. Human. Concept.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. OS PRIMEIROS 21 ANOS DA VIDA DE RUDOLF STEINER.....	11
1.1. A IMPORTÂNCIA DE GOETHE PARA A FILOSOFIA DE RUDOLF STEINER.....	13
2. O PENSAMENTO NA OBRA: O MÉTODO COGNITIVO DE GOETHE.....	15
2.1. O PENSAMENTO E SUA COLOCAÇÃO NA VIDA PRÁTICA.....	17
2.2. BASES PARA A FUNDAMENTAÇÃO DO CONCEITO DE PENSAMENTO COMO PONTO DE PARTIDA PARA UMA FILOSOFIA DA LIBERDADE.....	22
3. A OBSERVAÇÃO E O PENSAR COMO PONTOS DE PARTIDA PARA A COGNIÇÃO DO MUNDO.....	26
3.1. O PENSAMENTO, A CONSCIÊNCIA E O HOMEM.....	28
3.2 O SUJEITO PENSAnte E OS EQUÍVOCOS DA CIÊNCIA.....	30
3.3 O PENSAR COMO BASE PARA O CONHECIMENTO DO MUNDO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar panoramicamente o filósofo austríaco Rudolf Steiner até seu encontro com o poeta e para ele cientista: Goethe. Pretende também investigar o conceito de Pensamento nas obras: O método cognitivo de Goethe, na conferência A educação prática do pensamento e no âmbito da teoria da liberdade na obra A Filosofia da Liberdade, especificamente será analisada a biografia do autor, além de buscar compreender a relação entre pensamento e homem nas obras citadas acima.

A obra A Filosofia da Liberdade tem como fio condutor dois problemas centrais descritos no prefácio à edição de 1918:

[...] A primeira se refere à possibilidade de encontrar no homem um firme ponto de apoio para tudo que chega ao seu conhecimento através de vivências cotidianas e da ciência, mas que pode ser abalado por dúvidas e juízos críticos, levando-o, assim, à incerteza e à falta de segurança. A outra pergunta é a seguinte: o homem, como ser dotado de vontade, pode atribuir-se a liberdade, ou será que esta é apenas uma ilusão que nele surge, porque ele não considera os condicionamentos e mecanismos dos quais dependem a sua vontade como um acontecimento natural qualquer? (STEINER, 2000, p.9)

Rudolf Steiner, como podemos ver no trecho acima, busca justificar filosoficamente e mostrar que o homem é parte de uma “realidade essencialmente espiritual” e que através dessa realidade é possível justificar a possibilidade de um conhecimento transcendental. Steiner sustenta que o conhecimento científico pode ser abalado gerando incertezas acerca do que conhecemos. O segundo ponto diz respeito à condição humana, ou seja, se sua vontade é livre ou não. Partindo dessas duas questões centrais, o presente trabalho investiga qual é a base que fundamenta a relação entre a teoria da Liberdade exposta com o conceito de pensamento. Outra questão que formulamos é: como o conceito de pensamento do autor é a base para o conhecimento do mundo? Seria tal conhecimento que confere a liberdade ao homem? Por fim, como Steiner fundamenta o conceito de pensamento dentro desta obra? Buscando assim, a resposta do autor para suas questões condutoras.

Já no segundo capítulo da obra, intitulado “O impulso fundamental para a *ciência*” Steiner fala sobre os problemas do dualismo e do monismo e propõe um novo tipo de monismo:

Temos de encontrar o caminho de volta a ela [a natureza]. Uma reflexão simples nos poderá indicar o caminho: nós nos desligamos da natureza, mas devemos ter levado alguma coisa para o interior do nosso próprio ser. Precisamos procurar

esse vestígio da natureza em nós e então encontraremos de novo o nexo entre o eu e o mundo. O dualismo se omite nesse ponto. Ele acha que o interior do homem é um ser totalmente alheio à natureza e procura posteriormente acoplá-lo a ela. Não surpreende que então não consiga encontrar o elo. Somente podemos achar a natureza externa, conhecendo-a em nós. O que é igual a ela em nosso interior nos guiará. Assim está traçada a nossa trajetória. Não pretendemos especular sobre a atuação recíproca entre a matéria e o espírito. Mas queremos descer às profundezas de nosso próprio ser para lá encontrarmos aqueles elementos que levamos conosco quando nos separamos da natureza. (STEINER, 2000, p.29)

Ou seja, segundo o filósofo austríaco, temos que nos voltar à natureza, mas à natureza que existe em nós, somos, portanto, a própria natureza e é nesse sentido que ele nega tanto o dualismo, quanto o monismo. Este como algo puramente espiritual ou puramente material e mesmo como uma união de ambos, não há união, segundo ele. Matéria e espírito, homem e mundo são uma coisa só. Precisamos encontrar o que temos da natureza em nós, para entender tanto ela quanto a nós mesmos. Posteriormente em outras obras, o que ele aplica aqui à natureza ele colocará o mesmo sentido para o mundo espiritual.

Rudolf Steiner, com a sua Antroposofia, influenciou várias áreas do conhecimento humano, a saber: medicina, educação, agricultura e arte. Diante de tantas contribuições, faz-se de suma importância o estudo de tal filósofo e de sua obra, pois toda a fundamentação teórica de sua Ciência Espiritual vem de seus estudos filosóficos precedentes e de suas experiências pessoais. Ele foi um grande estudioso de Goethe, foi contratado para organizar todo o acervo do romancista. O que o levou a estudar não somente suas obras literárias, mas também seus ensaios científicos, os quais foram fundamentais para a elaboração do que ele chamaria de Ciência Espiritual.

Dentro da educação ele desenvolveu um sistema pedagógico intitulado Waldorf, este sistema de educação prevê uma formação holística do ser humano, preocupando-se com o desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança. As escolas Waldorf possuem um sistema diferente, por exemplo, o professor acompanha uma turma do seu primeiro ano até o que seria sua oitava série, ou seja, são oito anos com um mesmo professor, isso cria um laço muito forte entre professor-aluno e suas famílias. Outra coisa diferente é que os estudos se dão em épocas, há épocas em que se estuda história, outra época se estuda matemática e assim por diante, isto é, não há uma grade horária com estudos para o ano todo, mas uma única disciplina estudada entre um e dois meses durante todos os dias. As aulas são ainda divididas em teóricas nas duas primeiras horas de aula e práticas o restante do tempo, as práticas incluem música, artesanato, teatro, agricultura,

culinária, etc. O sistema Waldorf de educação está preocupado em desenvolver um ser humano, e é por isso que visa tantos saberes tanto teóricos quanto práticos.

Já na arte as contribuições de Steiner com a Antroposofia foram variadas. Em 1910 ele escreveu seu primeiro drama de mistério “O portal da iniciação”, escreveu mais três nos anos subsequentes, tais dramas eram como sua teorização da Antroposofia expressa em forma de arte dramática. A partir de sua ciência espiritual ele desenvolveu com a ajuda de Marie Steiner (nascida Von Silvers) a eurritmia que a própria Marie define como um “cantar por meio de movimentos”, tal arte é um conjunto de pronúncia de palavras entoadas, com a movimentação do corpo, tudo de forma harmoniosa. Juntos, Rudolf e Marie fundaram também a escola de dicção cujos cursos são direcionados para a beleza do falar, geralmente frequentado por professores, atores e profissionais da fala. Ainda no campo artístico, em 1913, Steiner com a ajuda de muitos profissionais (artistas, arquitetos, pintores) criou e construiu o Goetheanum, em Dornach na Suíça, entretanto esta primeira construção foi feita com madeira e incendiada em 1923. O segundo foi construído de concreto e é até hoje a sede mundial da Antroposofia.

Muito antes de fundamentar a Antroposofia, Steiner escreveu uma obra intitulada A filosofia da liberdade, tal obra contém [em raciocínio puro] tudo o que foi desenvolvido posteriormente sob o nome primeiro de Ciência Espiritual e posteriormente Antroposofia. Steiner busca trazer o mundo supra-sensível para o encadeamento lógico do pensamento.

Hoje em dia, aqui no Brasil, ele é um filósofo muito estudado dentro da educação, da medicina e da agricultura, principalmente, pois sua contribuição para estas áreas foi revolucionária. Portanto, este trabalho buscará o fundamento que deu base para a revolução em tantas áreas do conhecimento humano, tendo em vista que os estudos filosóficos sobre ele são um tanto quanto escassos na academia aqui no Brasil.

O tipo de pesquisa utilizada será a bibliográfica, com base nos seguintes livros: O Método Cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana, A educação prática do pensamento: aprender a pensar a partir da realidade e A Filosofia da Liberdade: Fundamentos para uma filosofia moderna serão os livros básicos deste trabalho; Minha Vida, este livro entrará como o básico para a análise biográfica dos primeiros 21 anos da vida de Steiner desenvolvida aqui; Rudolf Steiner, tal livro será parte da bibliografia complementar do presente trabalho; além da tradução americana da obra A Filosofia da Liberdade: Intuitive thinking as a spiritual path: a philosophy of freedom.

O trabalho será dividido em três partes: o capítulo inicial tratará da vida de Steiner até seu encontro com Goethe, o que ele estudou; o que produziu, traremos enfoque aqui, para as questões que o nortearam desde a infância até o período em que ele escreveu a obra *O método cognitivo de Goethe*. Já no segundo será trazido o conceito de Pensamento para Steiner e no terceiro a ligação deste conceito com a liberdade humana.

1. OS PRIMEIROS 21 ANOS DA VIDA DE RUDOLF STEINER

Em sua autobiografia *Minha Vida*, Steiner deixa claro que só a escreve para esclarecer a relação entre sua vida e sua obra, pois foram feitos juízos distorcidos sobre ambas. Ele diz: “[...] parece-me que esse cunho pessoal deve manifestar-se pelo modo como se fala e se atua, e não pela consideração à própria personalidade.” (2006, p.21), ou seja, para ele a vida pessoal de alguém deve aparecer em sua fala e ação, já os fatos em si são problemas apenas da própria pessoa. Com isso sua autobiografia tem sempre como objetivo exaltar seus estudos e questionamentos que o acompanharam durante toda vida.

Rudolf Steiner era de família pobre. Seu pai, Johann Steiner, era caçador e sua mãe, Franziska Steiner (nascida Blie), dona de casa. Ambos advindos da Baixa-Áustria, tendo seu pai nascido em Geras, um pequeno lugarejo até então, e sua mãe em Horn, uma cidade da região. Eles se conheceram quando Johan Steiner foi para Horn a serviço do Conde de Hoyos. Quando resolveu se casar, Johann Steiner trocou de profissão e foi trabalhar em estações ferroviárias como telegrafista, ou seja, ele fazia a comunicação entre as linhas de trem da época. Devido ao novo emprego de Johan, a família Steiner se mudava com frequência, o que fez com que Rudolf tivesse diversas experiências em vários lugares e com diferentes pessoas. Ademais foi o motivo pelo qual ele nasceu tão distante da terra de seus pais.

Rudolf Steiner nasceu em Kraljevec na fronteira húngaro-croata em 28 de fevereiro de 1861. Ter nascido entre “dois mundos”, o ocidente e o oriente, não aconteceu por acaso. Segundo sua própria concepção, estar na mediação de dois mundos foi um ponto que sempre esteve presente na vida de Steiner. Desde criança via coisas que as outras pessoas não viam, ele aprendeu cedo a ficar calado sobre tais coisas, pois riam dele ou diziam que era louco. Entretanto, desde criança sabia qual era a diferença entre o que apenas ele via e o que todos podiam ver.

Nos estudos, seu pai era exigente. Queria que ele fosse engenheiro. Por isso, mais tarde escolheu o colégio científico ao invés do liceu para que o jovem Rudolf prosseguisse seus estudos. Entretanto, para Rudolf Steiner, o que mais lhe impressionava era o temperamento de cada professor que tivera. Os conteúdos pouco lhe importavam, pois aprendia o que queria sozinho. Por volta dos nove anos pegou emprestado um livro de geometria com um professor e ficou encantado ao perceber que a geometria era algo que se aprende apenas pelo espírito, tendo em vista que não é possível ter a experiência da geometria através dos cinco sentidos. O encontro deste livro foi algo muito significativo

para sua vida, segundo ele “Poder compreender algo puramente no espírito trazia-me uma felicidade interior. Sei que na Geometria eu conheci a felicidade pela primeira vez.” (2006, p.31). Já na infância Steiner via na Geometria uma justificação do mundo espiritual. Apesar do mundo espiritual lhe ser tão óbvio quanto o mundo sensorial, Steiner tinha a necessidade de uma justificativa para a existência e confiabilidade do mesmo. Ele precisava ter meios para provar que o mundo espiritual era tão confiável como o mundo sensível. A Geometria foi o primeiro ponto de apoio que encontrou em sua jornada graças ao professor auxiliar que teve quando se mudou, com sua família, para Neudörfl, Heinrich Gangl.

A questão sobre como conhecemos o mundo sempre foi muito cara para Steiner. Por volta dos treze anos de idade, ele começou a ler Kant, para isso arrancava as páginas do livro *A crítica da razão pura* e colocava dentro de seu livro de história cujas aulas eram baseadas na leitura do livro. Steiner achava aquilo uma grande perda de tempo, pois as exposições do professor não lhe serviam muito. Como precisaria ler em casa a matéria de qualquer forma, preferia fazer apenas a leitura individual. Durante as aulas lia e relia as páginas da obra de Kant. O objetivo de tal leitura era entender como o pensar humano se situa diante do criar da natureza. Já nesta época o adolescente ansiava por educar seu próprio pensamento, de forma que não pudesse ser influenciado por qualquer sentimento indefinido, bem como estabelecer em si uma sintonia entre tal maneira de pensar e a doutrina religiosa, já que recebia também esses ensinamentos. Contudo a sua relação com os assuntos religiosos era determinada pelo fato do mundo espiritual ser válido para ele como uma visão humana.

Aos quinze anos começou a dar aulas particulares de reforço para seus colegas e ganhar uma pequena quantia em troca, assim despontava o educador que mais tarde fundaria as escolas Waldorf com uma abordagem singular e um olhar especial para crianças com alguma deficiência, tendo Steiner educado uma delas, pensou não só numa educação que entendesse a criança como um todo, mas que atendesse todo tipo de criança.

Após os sete anos no colégio científico, seu pai foi transferido para uma pequena estação próxima de Viena. Com a mudança Steiner frequentou a Academia Politécnica, onde cursou inicialmente as disciplinas de Matemática, História Natural e Química. Assistia como ouvinte aulas sobre literatura alemã com o professor Karl Julius Schröer que foi o responsável por apresentar os grandes poetas Goethe e Schiller. Na Academia Politécnica ele também teve aulas de Filosofia Prática com Robert Zimmermann cuja

meticulosidade da aparência e trejeitos lhe causaram grande impressão. Steiner via uma grande diferença entre os temperamentos de Zimmermann e Schröer, sobretudo em suas concepções filosóficas diferentes, enquanto um era estudioso de Herbart o outro era um profundo estudioso de Goethe. Em sua autobiografia ele diz que gostava de ouvir os filósofos em plena filosofia, enquanto faziam filosofia e observava sempre as diferenças entre eles. Por tanto amor à Filosofia, Steiner procurou assistir também as aulas de Franz Brentano. Ele afirma ter aprendido sobre sua filosofia muito com seus trejeitos em sala de aula, a forma como segurava a folha em que lia suas aulas e sua postura dentro de sala que também era muito diferente da de Zimmermann. Segundo Steiner Brentano era um perfeito pensador lógico e o influenciou muito durante este período.

Nesta época ele percebeu a importância de se aprofundar na Filosofia, na matemática e na física. Por continuar dando as aulas particulares, ele aprendia, muitas das vezes, sozinho para poder ensinar a seus alunos. Como no colegial, ele continuava sendo indicado por professores. Essas indicações lhe eram sempre muito valiosas, pois traziam sempre muitos alunos.

Seus estudos sobre o pensamento vigente na época e as Ciências Naturais sempre lhe causavam um conflito interno, pois ele não concordava com aquilo que se apresentava no pensamento materialista de sua época e vigente até os dias de hoje. O que percebia através do mundo espiritual não era o que as Ciências Naturais e o consciente coletivo da época lhe apresentavam, por mais que discordasse desde muito jovem, ele não tinha como contrapor, não tinha em quem se apoiar para dizer que podia ser diferente do materialismo que vigorava na época. Assim, o jovem Steiner seguiu seus estudos, buscando sempre um fundamento no qual pudesse sustentar aquilo que acreditava ser a verdade, sem negar nenhum dos mundos (material e espiritual) dos quais participava e experienciava com tanta confiança.

1.1. A IMPORTÂNCIA DE GOETHE PARA A FILOSOFIA DE RUDOLF STEINER

Como dito anteriormente, através de Schröer Steiner conheceu o poeta que marcou o final do século XVIII e início do século XIX: Johan Wolfgang Von Goethe. Por estima ao seu professor e por sempre querer conhecimento, Steiner começou a ler Goethe e seu professor o indicou a Joseph Kürschner que na época estava editando as obras de Goethe na “Literatura Nacional Alemã” juntamente com um grupo de eruditos. Steiner era

o mais novo do grupo e ficou responsável por editar e comentar as obras científico-naturais de Goethe das quais Schröer escreveu o prefácio. Mais tarde Steiner começou a trabalhar no Arquivo Goethe-Schiller em Weimar.

Com os estudos de tais ensaios sobre a ciência do poeta, Steiner percebeu em Goethe o que a maioria das pessoas não via e não admitia. Goethe era mais que um poeta e dramaturgo, ele era também um cientista. Steiner considerava Goethe um homem que tinha uma visão diferente sobre o mundo orgânico. O poeta não concordava com a separação que a ciência natural tinha do mundo. Em suas obras, Steiner considerou Goethe como um observador rigoroso e um homem de pensamento elástico. Para ele, Goethe conseguia observar os fatos e fazer considerações do que aconteceria em seguida com precisão baseando em sua observação do mundo natural.

Em seus primeiros anos trabalhando em Weimar, ele se sentia encantado. Entretanto, esse encanto se perdeu com o passar do tempo e passou a encontrar acalento em seu círculo social. Morou com uma viúva Anna Eunike por um tempo e participou de grupos de poetas que se encontravam para declamar suas poesias autorais. Nesse círculo, ele conheceu Gabriele Reuter. Na mesma época, ele entrou em contato com as obras de Nietzsche e o achava um pensador que estava à frente de seu tempo e um lutador contra seu tempo. Escreveu por isso inclusive uma obra sobre o filósofo: Friedrich Nietzsche, ein Kämpfer gegen seine Zeit (“Friedrich Nietzsche, um lutador contra seu tempo”).

O que Steiner viu em Goethe que ninguém de sua época enxergava era a forma como o poeta pensava, entretanto pensar sobre a forma que se pensa não era uma questão a qual Goethe se detinha e este foi, portanto, o passo que Steiner deu à filosofia de Goethe. Ele se dedicou a investigar sobre o modo com o qual o poeta pensava. Os estudos sobre tal proposta foram escritos por Steiner em sua obra O método cognitivo de Goethe: Linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana.

2. O PENSAMENTO NA OBRA: O MÉTODO COGNITIVO DE GOETHE

Em sua obra *O método cognitivo de Goethe*, Steiner trata, inicialmente, da importância de Goethe e Schiller para a base da cultura alemã. Ele destaca que, apesar de todos na época os exaltarem como tal base, a sociedade não se voltava para o modo como ambos pensavam. Steiner critica ainda o modelo de ciência e filosofia vigentes até então. Ele afirma que em sua época as pessoas já não liam filosofia, apenas quando esta era sua profissão. Segundo ele isso se deve ao fato de que estas obras não satisfizerem espiritualmente, em contrapartida, a religião e seus dogmas já não convenciam como antigamente. Para Steiner “A tarefa da ciência não é lançar questões, mas observá-las cuidadosamente, caso sejam formuladas pela natureza humana e pelo respectivo nível cultural, e responder a elas.” (2004, p.23-24). Isto é, ao invés de colocar questões que a sociedade não se colocou, o filósofo deve observar as questões que a própria sociedade se coloca e respondê-las, segundo ele não é isso que os filósofos e cientistas de sua época faziam, eles colocavam questões que não chamavam a atenção do público em geral.

Steiner segue defendendo Goethe dizendo que ele não foi um filósofo no sentido usual da palavra, ele era um homem que enxergava as coisas em sua totalidade e que ele demonstra essa visão em seus escritos, mesmo que sua escrita não tenha sentenças científicas como a época exigia. Segundo Steiner:

A cosmovisão de Goethe é a mais multifacetada que se possa imaginar. Ela parte de um centro situado na natureza unitária do Poeta, e sempre mostra a face que corresponde à natureza do objeto contemplado. O caráter unitário da atividade das forças espirituais reside na natureza de Goethe; o respectivo modo dessa atividade é determinado pelo objeto em questão. Goethe empresta do mundo exterior o modo de observação, e não o impõe. Contudo, o pensar de muitas pessoas só é eficaz de uma determinada maneira, servindo apenas para uma espécie de objetos; não é unitário como o de Goethe, e sim uniforme. (STEINER, 2004, p.27)

Goethe não se apegava a uma única forma de pensar as coisas. Ele as pensa segundo a própria natureza do objeto pensado e observado, o que faz com que seu pensamento seja unitário, enquanto a maioria das pessoas tem um pensamento uniforme que significa que elas assumem um mesmo modo de pensar independentemente do objeto observado. Para Steiner, esse modo uniforme é limitado e, portanto, incapaz de responder os nossos questionamentos.

Assim, Steiner toma esta cosmovisão como ponto de partida para seus estudos e sua obra. Segundo ele, é preciso trazer essa visão para a linguagem científica: “Nós representamos a cosmovisão goethiana, porém fundamentamo-la segundo as exigências

da ciência.” (2004, p.28), este foi então o esforço de Steiner ao escrever O método cognitivo de Goethe. Esta obra foi a que precedeu A Filosofia da Liberdade, e por isso é de suma importância, pois o que escreve no pequeno livro precedente será explanado e aprofundado em sua obra subsequente.

Na terceira parte do livro, Steiner nos fala sobre “O pensar”. No oitavo capítulo da obra, ele apresenta o pensar como experiência superior na experiência. Segundo ele o fato do pensar ser um fato da experiência dentro da experiência o faz assumir uma situação de exceção. Segundo ele, é o pensar que faz a ligação entre as percepções que temos. Ele dá o exemplo de ferver um líquido qualquer. Se eu observar apenas a sucessão de fatos, eu vejo o líquido em repouso e após determinado tempo, eu percebo ele entrar em movimento, formar bolhas e passar para o estado de vapor. Entretanto, se eu me detenho apenas no que os meus sentidos me trazem, não consigo encontrar conexão alguma entre os fatos. Apenas com o pensamento eu posso fazer a ligação do líquido em repouso passar diante dos meus olhos ao estado de vapor. Pois ao apreender a causa do que ocorre, eu consigo apenas pelo meu pensamento saber o efeito de determinada ação.

Com isso não podemos obter apenas da experiência, que nos advém dos sentidos, toda a cientificidade, uma vez que esta reside no pensamento. Contudo, ele questiona como podemos ter a experiência completa com o pensamento; como temos acesso ao pensamento? Steiner introduz então o papel da consciência. É na consciência que reside a nossa atividade pensante e é apenas por ela que somos capazes de acessar o pensamento. Assim, o pensamento e as percepções sensoriais se defrontam na experiência. O pensamento consegue nos apresentar a essência tanto daquilo que observamos pelos sentidos quanto de si próprio, ou seja, é possível pensar o próprio pensamento. Para ele, o pensamento não depende de nós. Ele acontece nas coisas. Com a nossa consciência, os acessamos e podemos apreender os pensamentos daquilo que nos advém pelas experiências dos sentidos:

Portanto, nosso mundo dos pensamentos é uma entidade totalmente fundada em si mesma, uma totalidade coesa, em si perfeita e completa. Vemos aqui qual dos dois lados do mundo dos pensamentos é o essencial: o lado objetivo do seu conteúdo, e não o lado subjetivo de sua manifestação. (STEINER, 2004, p. 50)

Podemos perceber que para Steiner o pensamento é, em si, não apenas pensamento sobre algo. Ele possui um conteúdo próprio e, por isso, há nele uma objetividade que é a sua essência. Enquanto que o lado subjetivo são as suas manifestações. O seu esforço aqui consiste em defender a objetividade do pensamento e que é possível pensar sobre o próprio pensar sem negar o mundo externo, trazendo a

consciência humana como a ponte que liga o pensamento ao mundo externo, ela é a detentora da atividade pensante, mas não do pensamento.

Steiner segue sua investigação trazendo o pensar como se sendo toda a realidade, abstraindo todo o restante do mundo, seguindo o método de Goethe que se dá em duas etapas, a saber, a primeira é tomar os objetos como eles são na tentativa de penetrar sua natureza sem tomar qualquer opinião subjetiva, já a segunda etapa é estabelecer as condições sob as quais os objetos possam relacionar-se e esperar o resultado de tal relação. Mantendo o curso da natureza e a organicidade daquilo que é observado. Aplicando tal método perceberemos que cada pensamento isolado que temos está interligado a outros, formando uma totalidade, esta totalidade Steiner denomina de mundo conceitual.

2.1 O PENSAMENTO E SUA COLOCAÇÃO NA VIDA PRÁTICA

Como dito anteriormente, desde a juventude Steiner pretendia educar seu pensamento para que ele fosse livre de qualquer sentimento indefinido. Tanto sua autobiografia quanto seus livros são permeados deste conceito e desta busca em educar seu Pensamento. Seu esforço na obra *A Filosofia da Liberdade* é sugerir um método que o leitor possa usar para tal fim. Em 18 de janeiro de 1909, nove anos antes de sua segunda edição e dezesseis anos depois da primeira edição de sua obra fundamental para o desenvolvimento de sua Antroposofia, ele proferiu uma conferência em Karlsruhe na Alemanha intitulada *A educação prática do Pensamento*, suas conferências foram anotadas e revisadas por sua esposa Marie e algumas por ele, já no final de sua vida. Trataremos agora esta conferência, pois ela nos traz de modo geral o que o autor traz de modo aprofundado em sua *Filosofia da Liberdade*. Serão pontuados também os exercícios sugeridos pelo autor, para então partirmos para a obra que fundamenta sua Antroposofia.

Apesar da Antroposofia não ser de caráter prático, ela traz nesses estudos um fio condutor que serve à existência cotidiana. Para Steiner o pensamento ordinariamente tido como prático é apenas um jogo automático aprendido em algum momento da vida com pais, professores, aqueles que admiramos e temos como referência, tal jogo, posteriormente, se torna um hábito mental. Segundo ele, o modo não-prático de pensar faz com que pensemos de forma diferente, pois divergimos daquilo que está estabelecido. Com isso temos que as descobertas práticas são pensadas por pensadores não-práticos. Rudolf Steiner segue com alguns exemplos, dentre eles o dos selos dos correios, explicando que

quem teve esta ideia não era um homem da prática do correio, mas ele tinha um pensamento prático, diferente daqueles que tinham a prática do correio, mas não sabiam pensar praticamente.

Ele ainda insere um exemplo de seu próprio amigo da época em que estudava, o amigo estava empolgado com uma descoberta que fizera sobre um tipo de moto perpétuo e queria contar ao seu professor, após toda a explicação do amigo, Steiner fez um comentário do ponto de vista prático da coisa e fez uma analogia dizendo que o que o amigo pensou se assemelhava a uma pessoa dentro de um vagão de trem que acreditava que era ela quem colocava o trem em movimento. Este exemplo serve para demonstrar que quando as pessoas se incrustam em seus próprios pensamentos e não percebem fazer isso, elas são capazes de acreditar que são elas as autoras de movimentos, que na verdade são externos.

É importante entender que para Steiner o Pensamento é mais que apenas o pensamento sobre algo, para ele o pensamento é em si e independe de nós, ele deixa isso mais claro em suas obras *O método cognitivo de Goethe* e em *A Filosofia da Liberdade*. Por isso em sua conferência ele segue dizendo que o pensamento não se passa no interior do homem, mas sim nas próprias coisas, pois estas foram construídas conforme determinados pensamentos, segundo suas próprias palavras:

A verdadeira prática do pensamento exige e pressupõe que se encare a atividade mental com critério e sentimentos adequados. Como adquirir, neste sentido, uma justa e apropriada atitude mental? Quem se convenceu de que o pensamento apenas se passa no interior do homem, na cabeça ou na alma, não terá sobre o pensamento um modo adequado e objetivo de sentir. Essa convicção errônea cria obstáculos para uma correta prática mental, não deixando que o pensamento estipule claramente as exigências indispensáveis à sua própria atividade. A sensibilidade correta com relação ao pensamento consiste na seguinte reflexão: – Se podemos formar pensamentos sobre as coisas e assim conhecê-las, os pensamentos devem preexistir nas coisas. As coisas devem ter sido construídas conforme pensamentos. É somente por isso que podemos extrair os pensamentos das coisas. (STEINER, 1996 p.16-17)

Steiner critica aqui aqueles que acreditam que o pensamento está apenas no interior do homem, sejam os materialistas que acreditam que se passa apenas no cérebro, ou aqueles espiritualistas que acreditam que o pensamento reside na alma humana. Tal crença dificulta o acesso ao pensamento que se dá segundo sua própria atividade, e conclui que os pensamentos já existem nas coisas e que as mesmas foram construídas a partir de outros pensamentos e é por isso que podemos acessar o pensamento das coisas.

Para Steiner o fato de o pensamento preceder a existência das coisas é fundamental, ele dá como exemplo o relógio, que aparentemente funciona sozinho, entretanto, para que o relógio existisse um relojoeiro teve que fazê-lo e antes disso alguém teve pensá-lo, para isso alguém teve que acessar o pensamento que já preexistia do relógio. Acreditar que o mundo é criado e mantido pela força do pensamento é condição essencial para se utilizar da atividade pensante interior que é o objetivo de Steiner nessa conferência. Com isso não podemos jamais perder de vista o agente, que somos o agente quando demonstramos qualquer tentativa de explicar o funcionamento do universo, se agimos ao fazer qualquer demonstração para mostrar seu funcionamento sem a ajuda de um agente pensante anterior, excluimos a nós mesmos do processo de representação, entretanto, para que o universo funcione tal como é alguém teve que fazer esse papel, ir contra isso é insistir no erro.

Se o mundo não fosse feito de pensamentos seria impossível pensá-lo. Aquele que confiar nessa verdade será capaz de uma prática mental bem fundamentada sobre a realidade objetiva das coisas. O mundo dos fenômenos decorre de pensamentos daí a importância da disciplina correta dos pensamentos e a necessidade de aplicar alguns princípios práticos. Steiner começa com a observação do céu, é o primeiro exercício para o trabalho da atividade mental interior. Ele sugere que se observe o céu durante certo tempo e se faça uma imagem mental do mesmo, esta imagem mental deve ter o máximo de detalhes que se conseguir, quanto mais detalhada, melhor, como que se tirasse uma fotografia com a mente e repetir este exercício todos os dias. Entretanto não se deve querer adivinhar os fenômenos, mas entender que eles estão relacionados. Deve-se elaborar da maneira mais exata as imagens representativas dos fenômenos, refletir sobre elas e colocá-las lado a lado até que uma se transforme na outra, esta é uma lei fundamental do pensamento.

A formação de imagens precisas de acontecimentos sucessivos, sem pensar sobre, apenas observando, causa um efeito nos corpos invisíveis do ser humano. Mesmo o homem se entregando às especulações, ele não pode desenvolver, pois depende do Cosmo inteiro. Enquanto concentro-me nas imagens sucessivas dos fenômenos os pensamentos cósmicos atuam em mim, no meu corpo astral, mesmo que eu não tenha consciência disso. Ao admitir que os fenômenos cósmicos atuam sobre mim, torno-me mais inteligente naquilo que ocorre fora da minha consciência. Quando conseguirmos transformar uma imagem em outra, com o tempo perceberemos que nosso pensamento adquire uma

elasticidade. Tal exercício deve ser aplicado às coisas que ainda não compreendemos bem. Entretanto para aquelas que compreendemos devemos nos esforçar por supor o que acontecerá em seguida, se por ventura errarmos o que acontece, devemos verificar o erro e corrigir nossos pensamentos. Quando conseguimos acertar o que acontece Steiner diz que estamos em harmonia com as forças de pensamento que são aquilo que impele as coisas adiante, forças que trabalham interiormente. Outra forma de fazer este exercício de observação é praticá-lo ao contrário, observando o que aconteceu hoje e procurando os encadeamentos para que culminasse naquilo que se apresenta para nós. Ao errar devemos comparar o desencadear dos fatos com o nosso pensamento.

Para praticar tais princípios do pensamento, o ideal é que tenhamos tempo para considerar as coisas sob o seguinte aspecto: portar como se estivéssemos dentro das coisas, desta forma as coisas ficam mais claras. Steiner percebia essa forma de pensar nos escritos de Goethe, segundo ele o poeta e cientista, vivia pensamento e percepção simultaneamente, tinha um pensamento fiel à natureza. Tal fidelidade permite a previsão de fenômenos futuros. Praticar os exercícios propostos permite que o pensamento entre em comunhão com o mundo exterior. Steiner propõe ainda outro exercício: escolher o próprio pensamento que seja por cinco minutos diários, quanto mais tempo a pessoa conseguir, melhor, tal escolha deve ser simples e sobre algo que não se pensaria usualmente, deve-se trocar o pensamento todos os dias, caso a pessoa tenha dificuldade em escolher, ela pode abrir um livro qualquer e pensar sobre as primeiras linhas dele. Com a prática dos exercícios propostos o pensamento torna-se elástico e flexível, o que é de suma importância para a vida prática.

Outro exercício é ainda proposto, este direcionado para a memória, Steiner indica lembrar-se com detalhes de algum evento do dia anterior, alguém com quem tenhamos nos encontrado, por exemplo. A boa memória advém de uma boa observação, a transformação que ocorre na alma é a responsável pela qualidade da observação, segundo Steiner, a alma guarda a memória. Ao praticar este exercício a pessoa perceberá, nas primeiras vezes, que não se lembra de tudo, então ela deve completar a imagem mesmo que com elementos falsos, pois assim fica-se mais atento da próxima vez. Salienta ainda que é preciso repetir muitas vezes até que a imagem fique nítida em nossa memória, e que a paciência é essencial neste processo, pois não se pode querer logo chegar a um resultado, querer tirar uma conclusão de imediato, ao fazer isso dá-se, na verdade, um passo atrás.

As coisas possuem em si uma necessidade interior. Se não procedermos arbitrária e impacientemente, e sim deixarmos trabalhar em nós essa necessidade

das coisas, ela de fato agirá sobre nós e enriquecerá nosso pensamento, de modo a permitir-nos no dia seguinte uma decisão mais acertada. Tudo isso é extraordinariamente útil! (STEINER, 1996 p. 30)

Com isso, Steiner nos diz que devemos apenas observar as coisas, sem querer concluir algo, para que as necessidades das próprias coisas se adentrem em nós e, por conseguinte, conseguimos tomar uma decisão mais acertada acerca do fenômeno. Tendo esta disciplina a pessoa compreenderá e verá tudo sob um novo aspecto. Ele coloca, então, o exemplo de um homem que sobe em uma árvore para fazer determinado trabalho, no entanto este homem cai, causando assim sua morte. Analisando com arbitrariedade e impaciência, conclui-se que a causa foi a queda e o efeito a morte do homem, entretanto, pode ser que este homem, de cima da árvore tenha sofrido um aneurisma e por isso caiu, logo a queda passa de causa a efeito e a morte de efeito passa a ser a causa da queda, invertendo os papéis. Para Steiner esses erros se dão porque as pessoas não conservam a faculdade de pensar em sua plenitude. Ele ainda traz que esses erros são comuns entre os materialistas, ele os considera míopes do pensamento, pois carecem de uma objetividade que para Steiner é apenas uma série de hábitos mentais. Ele salienta que não é fácil convencer por meio de razões, mesmo que elas sejam boas, as pessoas se convencem por algo a mais que a razão, há sentimentos envolvidos quando se convence alguém, entretanto, para quem se agarra apenas à matéria, terá sempre o mesmo vício de pensamento.

Steiner finaliza a conferência dizendo que o pensamento não é apenas resultado do desejo, mas que surge da união entre os hábitos de pensamento e os sentimentos. E é dessa união que surge a força para decidir e convencer profundamente a alma humana, sendo a simples lógica da razão insuficiente para tal. Ademais ele fala sobre o papel da atividade antropológica fundamentada por ele. Segundo ele o esforço da Antroposofia consiste em “assimilar um modo de sentir e pensar que abranja um mundo mais vasto do que os simples pensamentos lógicos.” (1996, p.34) Para Steiner para que aprendamos a apreciar os motivos lógicos precisamos antes adquirir a faculdade de amar a lógica de forma objetiva. Quando sentirmos esse amor pela objetividade, pela realidade das coisas, tal como elas são, só aí poderemos decidir com a razão lógica, pois a verdadeira vida prática advém, justamente, da objetividade do pensamento. Ele salienta ainda que a Antroposofia não tem a pretensão de doutrinar sobre a vida, mas sim colocar o pensar do homem em movimento, desenvolvendo sua disciplina para admitir o espírito por detrás das

coisas. E que é de suma importância aprender a observar a vida anímico-espiritual como um todo, que tal observação nos leva a fazermos tudo de modo mais prático, em todos os níveis, tanto para resolver problemas complexos, como simples, tais como pendurar um quadro na parede, por exemplo.

2.2 BASES PARA A FUNDAMENTAÇÃO DO CONCEITO DE PENSAMENTO COMO PONTO DE PARTIDA PARA UMA FILOSOFIA DA LIBERDADE

A obra *A Filosofia da Liberdade* é dividida em três partes, sendo duas maiores, a saber, *A ciência da liberdade* e *A realidade da liberdade*, e a terceira parte de *Questões finais*. Na tradução para o inglês, que também foi utilizada na concepção do presente trabalho, Michael Lipson divide ainda as duas primeiras partes em *Teoria* e *Prática*. No presente trabalho nos deteremos na primeira parte do livro considerada a teórica.

Já no Prefácio da obra *A Filosofia da Liberdade*, Rudolf Steiner nos indica que a obra passará pelo percurso de duas perguntas fundamentais da existência humana, a saber, se é possível encontrar um ponto de apoio no homem para tudo aquilo que lhe acomete por meio de suas vivências cotidianas e da ciência, entretanto ambos meios podem levar à dúvida e incerteza. Já a segunda diz respeito à liberdade humana, se a vontade humana é livre ou não. Para Steiner, a segunda pergunta pode ser respondida apenas sob o ponto de vista que se adota sobre a anterior e defende que há um método de observação capaz de dar segurança e firmeza aos conhecimentos que chegam ao homem e que por meio deste mesmo método, a ideia de que há uma liberdade da vontade pode ser sustentada. Ele justifica dizendo que tal método de observação leva à descoberta do âmbito mental onde o livre querer de fato ocorre.

O autor se preocupa em oferecer uma resposta que não seja puramente teórica e abstrata, ele se preocupa que o leitor faça uso do método utilizado no livro em sua vida interna, entretanto não é de sua vontade que o que ele apresenta na obra seja tomado como uma resposta definitiva, o que ele deseja é apenas indicar um campo de atuação da mente humana onde a questão se coloca e se resolve sempre por uma atividade própria. Para Steiner quem se colocar no âmbito dessas questões e elaborá-las por sua própria observação para conceber suas respostas, levará estes resultados para sua vida interior a qual é de suma importância para o filósofo Austríaco.

Steiner esclarece também que na presente obra não serão expostos resultados de seus estudos noológicos, ou seja, aqueles estudos realizados no campo não-material cujo autor desenvolveu ao longo de toda sua vida. Entretanto, com a obra ele pretende justificar e apoiar tais resultados em bases filosóficas e que tais bases são imprescindíveis para quem procura segurança nesse tipo de conhecimento. Seu esforço se dá em:

[...] mostrar como uma investigação livre de preconceitos, que focaliza apenas as duas perguntas fundamentais acima descritas, pode de fato levar à conclusão de que o ser humano é membro de uma realidade essencialmente espiritual. (STEINER, 2000, p.10).

Justificando a possibilidade de um conhecimento transcendental sem se entrar no campo da experiência espiritual em particular.

O autor inicia colocando a segunda questão descrita no prefácio e feita várias vezes na história da filosofia: “Será que o homem é em seu pensar e em seu agir um ser espiritualmente livre ou está ele sujeito a um inflexível determinismo natural?” (2000, p.15), ele a contextualiza, coloca sua importância nos âmbitos da práxis, da religião e da ciência, cita e critica alguns autores que se colocaram tal questão, a saber, David Friedrich Strauss, Herbert Spencer, Eduard Von Hartmann, Robert Hamerling e P. Reé. Para o Austríaco a noção de liberdade que norteia o pensamento de tais filósofos não chega ao conceito em si do que seja a liberdade segundo Steiner.

É óbvio que uma ação não pode ser livre se o agente não sabe por que a executa. Mas o que dizer de uma ação cujas causas são conscientes? Isso nos conduz à pergunta: qual é a origem e a importância do pensar? Pois sem chegarmos à compreensão da atividade pensante, não será possível conhecer qualquer outra coisa e, portanto, tampouco o agir humano. Se compreendermos o significado do pensar em geral, ser-nos-á fácil esclarecer também seu papel no agir humano. (STEINER, 2000, p. 22)

Assim temos que para uma ação ser livre o agente deve saber o motivo de sua execução, mas se tratando do homem, surge a seguinte pergunta: como tratar uma ação cuja causa é consciente? Para Steiner devemos chegar à compreensão da atividade pensante para então conhecer qualquer outra coisa e assim o agir humano, por conseguinte. É o pensar que proporciona ao agir humano seu cunho peculiar. Diferenciando-o do movimento de uma pedra que possa ser arremessada ou de um asno que se locomove, por exemplo.

Todavia o autor também não deseja afirmar que todas as ações humanas se orientam pela razão, nem declarar ações humanas como aquelas provenientes do intelecto apenas, contudo o agir que ultrapassa a satisfação das necessidades básicas terá seus motivos sempre impregnados de pensamentos. Para o autor os sentimentos integram tais ações, mas eles são provenientes dos pensamentos, segundo Steiner “o pensamento é o pai do sentimento” (2000, p.22). Assim ele segue para a investigação da origem do pensar, pois este é anterior ao problema do agir humano.

Steiner faz uma citação do Fausto de Goethe, onde ele diz haver duas almas em seu peito que querem se separar, uma está ligada à matéria, ao presente, e à outra ao passado e a algo mais elevado. Tal citação serve à Steiner para dizer como o homem não é um ser homogêneo e que busca sempre mais, o homem quer saber a explicação dos fatos, pois estes lhe suscitam muitos questionamentos.

Tais questionamentos nos levam a dividirmo-nos em duas partes, pois nos conscientizamos da diferença entre nós e o mundo, logo o mundo se apresenta na contraposição Eu e Mundo. Entretanto continuamos nos sentindo parte do mundo e não algo externo a ele. Para Steiner este sentimento de ser um ente integrado ao universo é o que nos faz buscar a superação da contradição exposta, para ele a história cultural é o resultado desta busca contínua pela integração do eu e o mundo, a religião a arte e a ciência são caminhos diferentes para se chegar à finalidade desta união. Nas palavras de Steiner, a busca do pensador:

O pensador, por sua vez, busca pensar as leis dos fenômenos observados e se empenha em penetrar com o seu pensar no âmbito dos fenômenos que experimenta por meio da observação. Somente quando consegue fazer do conteúdo do mundo o conteúdo do seu próprio pensar reencontra a unidade da qual ele mesmo se desligou. (STEINER, 2000, p. 25).

Ou seja, a forma do pensador encontrar a unidade entre o Eu e o Mundo é através do pensamento, quando coloca o conteúdo do mundo em observação e o leva até seu pensar, ele reencontra sua forma de fazer tal unidade.

Para o autor o assunto do livro se expressa também na antítese entre a concepção unicista do mundo, o monismo, e a teoria de dois mundos, o dualismo. Segue então a explicação de ambas vertentes. O dualismo divide as concepções do eu e do mundo e tenta sempre conciliar os opostos, entretanto é incapaz de encontrar tal conciliação entre espírito e matéria, sujeito e objeto, ou pensamento e fenômeno, pois considera cada parte que

representa o eu e o mundo como entidades fundamentalmente diferentes, não consegue, conseqüentemente, entender como ambas estão conectadas.

Já o monismo procura destruir os opostos e com isso nega ou simplesmente apaga a oposição existente, por conseguinte o monismo se dá de três formas diferentes:

Há a concepção materialista onde considera apenas a matéria do mundo e isso não é satisfatório para Steiner, segundo ele o que o materialismo faz é apenas transferir o problema matéria e espírito para matéria e pensamento, ele atribui a capacidade de pensar à própria matéria, com isso a questão permanece: como a matéria pode pensar sobre sua essência? Ou seja, não soluciona o problema.

Por outro lado a concepção espiritualista tampouco resolve a questão, pois nega a matéria e não consegue explicar como experienciamos o mundo. Levando ao extremo, diz-se que o espírito cria a matéria, mas para Steiner também não é uma solução, segundo ele é como alguém que se mantém suspenso no ar segurando seu próprio cabelo.

A terceira maneira do monismo pressupõe que exista uma unidade inseparável de matéria e espírito no ente mais simples. O que para o autor também não soluciona nada, pois também retorna a questão primordial, sobre tal ente se articular de maneira dupla, sendo ele, em verdade uma unidade inseparável.

Na visão de Steiner a contraposição primordial e básica encontra-se em nossa própria consciência. Ao nos afastarmos da natureza nos contrapomos como eu ao mundo, mesmo com tal afastamento nos sentimos pertencentes a ela e isso só pode ser porque sua própria atuação vive dentro de nós. Precisamos, então, encontrar o elo perdido entre nós e a natureza, este elo está dentro de nós, ao reencontrá-lo, encontraremos o nexo entre o eu e o mundo. “A investigação do nosso próprio ser nos deve fornecer a solução do enigma.” (2000, p.29).

O filósofo Austríaco ainda se defende da possível objeção sobre sua exposição não estar de acordo com os resultados da ciência da época, sua justificativa foi que, até então, ele não tinha interesse algum em obter resultados científicos, mas sim descrever o que cada um vivencia em sua mente com uma conceituação que chegasse à consciência cotidiana e não se restringisse à comunidade científica.

3. A OBSERVAÇÃO E O PENSAR COMO PONTOS DE PARTIDA PARA A COGNIÇÃO DO MUNDO

Para falar sobre O pensar a serviço da compreensão do mundo, Steiner coloca o exemplo da observação de uma bola de bilhar sendo chocada e, conseqüentemente, movimentada por outra. Enquanto observadores apenas não exercemos quaisquer influências sobre o acontecimento, entretanto ao refletir sobre aquilo que observo e conceituar aquilo que observo, passo a ser parte fundamental do processo “Fica claro, então, que o processo observado se desdobra independentemente de mim, e que o processo conceitual não pode desenrolar-se sem minha participação.” (2000, p.31). Steiner não coloca aqui a questão se a atividade de pensar é livre ou não, a questão agora é a seguinte: “o que obtemos quando achamos um complemento conceitual para um processo observado?” (2000, p.32). Para o autor é diferente como as partes de um mesmo processo se relacionam entre si antes e após os conceitos relacionados com o processo observado. Voltando ao exemplo das bolas de bilhar, ao observar o movimento da primeira em direção à segunda, sendo apenas um observador, não posso supor o que aconteceria com a segunda, pois não tenho elaborado os conceitos que envolvem o processo, e, portanto, preciso esperar para saber o que acontecerá em seguida, entretanto, se por algum motivo minha visão for tapada, eu fico sem saber o desfecho, enquanto que, se eu elaboro conceitos sobre o que se apresenta para mim durante a observação, eu posso supor o que vai acontecer com a segunda bola de bilhar mesmo que minha visão seja obstruída.

Observação e pensar são dois pontos de partida de toda busca cognitiva consciente do ser humano. As ocupações do senso comum e as mais complicadas investigações científicas entram-se fundamentadas nesses dois pilares de nosso espírito. Os filósofos partiram até hoje de diferentes antíteses primordiais: idéia e realidade, sujeito e objeto, aparência e coisa em si, eu e não-eu, ideia e vontade, conceito e matéria, força e matéria, consciente e inconsciente. No entanto é fácil mostrar que a todas essas antíteses sobrepõe-se a da observação e pensar, como as mais importantes para o ser humano. (STEINER, 2000, p.32)

Com isso temos que para o autor há dois pontos de partida de toda busca cognitiva consciente do ser humano: a observação e o pensar, pois esses dois pilares estão presentes tanto no senso comum, quanto nas investigações científicas. Todo princípio que queiramos estabelecer deve ser apresentado como algo que observamos, ou expresso por um pensamento claro. O pensar é utilizado pelos filósofos para que consigam expressar seus princípios fundamentais. Já a observação nos é necessária por causa de nossa organização,

o objeto observado só nos é acessível por meio da mesma, e esta precede o pensar. Entretanto existe um estado de exceção que consiste em observar o próprio pensar, tal observação se dá, contudo, apenas com pensamentos antecedentes, pois não posso observar o pensamento atual, para isso eu teria que me dividir em duas partes, a que pensa e a que observa a outra pensar.

Para Steiner não se pode equiparar o pensar ao sentir diante da observação. Segundo ele o sentir está no mesmo lugar em que os outros objetos do pensar, tendo em vista que o sentir é algo que é evocado em nós, diferente do pensamento, o sentimento é voltado para a relação entre a personalidade pensante e o objeto observado, por exemplo, se eu observo uma rosa, se eu apenas penso sobre a rosa eu digo: isto é uma rosa. Entretanto se eu digo: eu gosto dessa rosa. Eu já estou falando sobre a minha relação com o objeto e o que ele me evoca. Ao dizer: eu penso sobre esta rosa. Steiner diz que chegamos a um estado de exceção onde eu penso sobre o pensamento da rosa. Para ele o pensar é uma atividade que se volta apenas ao objeto, mas não à personalidade que pensa. Ele chega então na peculiaridade do pensar dizendo:

Eis a natureza peculiar do pensar: o ser pensante se esquece do pensar enquanto pensa. Não é o pensar que o interessa, mas sim o objeto que está observando
A primeira observação, pois que fazemos sobre o pensar é que ele constitui o elemento inobservado de nossa vida mental comum. (STEINER, 2000, p. 35)

Temos então que não nos interessamos pelo pensar em si em nossa vida cotidiana e que sequer nos lembramos dele ao realizar sua atividade, pois o que nos interessa é o objeto, para que eu pense sobre pensar determinada coisa eu preciso entrar em um estado de exceção.

Este estado de exceção em que eu observo o meu pensar é a observação mais importante que uma pessoa pode fazer, pois ela observa algo que ela mesma engendra, com isso ela sabe como acontece e é capaz de discernir com clareza as relações e conexões, assim Steiner encontra um firme ponto de apoio que baseia a compreensão e a explicação de todas as outras coisas. Remetendo a Descartes ele justifica que sendo um ser pensante ele pode partir de tal ponto e questionar se as demais coisas existem. Para o pensador Austríaco não há razão, até então para observar o pensar de um ponto fora dele, pois em sua visão não faz sentido fazer isso sendo que todo o mundo restante é observado

a partir do pensar. Com isso ele considera justificado o motivo de se partir do pensar para chegar à cognição do mundo.

Steiner ainda se protege de uma possível objeção que diz o seguinte: antes do pensar há a consciência, já que aquele se dá dentro desta, entretanto, seguindo seu raciocínio só se pode chegar a algum esclarecimento sobre a relação entre o pensar e a consciência através do pensamento, logo o pressuposto continua sendo o pensamento. O pensar é o ponto último em que a evolução chegara até então, e como ponto último, deve ser o ponto de partida para as investigações filosóficas. Ademais o autor justifica que não há motivos para questionar a certitude do pensamento em si, pois ele é um fato e não se discute sobre a certitude ou falsidade de um fato, mas sim sobre o que pode resultar dele. Ele dá como exemplo a árvore, a árvore não é nem certa nem errada, mas sua madeira pode ser adequada para alguns trabalhos e para outros não.

3.1. O PENSAMENTO, A CONSCIÊNCIA E O HOMEM

Steiner segue nos dizendo que pelo pensar nos são dados conceitos e ideias, ou seja, os dois últimos são produzidos pelo pensar, enquanto os conceitos são me dados pelo intelecto, as ideias são me dadas pela razão. O conceito é o complemento conceitual que atribuímos ao objeto observado, os conceitos se formam ao longo do tempo ao entrarmos em contato com coisas particulares, formamos um só conceito, o exemplo usado pelo autor é o do leão, ao ver um leão eu formo um conceito, ao ver outro formo outro e esses conceitos se fundem no conceito universal de 'leão'. As ideias não diferem muito dos conceitos, elas são apenas mais ricas de conteúdos, mais abrangentes e saturadas, elas me dão a visão do todo, enquanto os conceitos me dão aquilo que forma as partes, aquilo que distingue as coisas.

Para Steiner, os conceitos de causa e efeito não podem ser recebidos pela observação. Segundo ele, a observação desafia o pensar e só ele consegue associar uma percepção a outra. Agora, passamos do pensar para o ente pensante, pois é ele quem associa o pensar à observação. Para o autor este ente é a consciência. A consciência, por sua vez, é a mediadora entre o pensar e a observação. E toca novamente a tecla de que, ao observar o objeto, este nos é dado e, ao pensar o objeto, nos percebemos como atuantes. Nesses termos, são introduzidos, aqui, os termos objeto para o que nos é dado e sujeito pensante para o que somos diante desta situação. Ao dirigirmos o pensar para a

observação, temos consciência dos objetos, ao dirigi-lo a nós próprios temos autoconsciência, ou seja, ao dirigirmos nosso pensar para nossa própria atividade pensante, estamos nos tornando objetos de nós mesmos.

[...] O pensar não pertence ao sujeito e tampouco ao objeto porque é a instância na qual esses dois conceitos têm, como todos os demais conceitos, a sua origem. Quando relacionamos, enquanto sujeitos pensantes, o conceito ao objeto, não se trata de uma relação apenas subjetiva. Não é o sujeito que estabelece a relação, mas sim o pensar. O sujeito não pensa por ser sujeito. Mas uma atividade que abarca ambos os conceitos. Nunca devo, portanto, dizer que o meu sujeito individual pensa; na verdade, este só vive graças ao pensar. O pensar é, por conseguinte, um fator que me leva além do meu sujeito e me liga aos objetos, mas me separa também. Ao mesmo tempo, deles, porque me distingue, como sujeito, dos objetos. (STEINER, 2000, p.47)

O autor salienta, então, que não podemos nos esquecer que é o pensar que estabelece a relação entre sujeito e objeto e não o sujeito que relaciona objeto com pensar. O pensar é anterior à própria existência humana. Vivemos graças a ele. Portanto, o pensar não só faz a ponte sujeito – objeto, mas também faz com que nos distingamos dos objetos como sujeito. É aí que o autor diz residir a dualidade humana: “ele [o homem] pensa e abrange assim a si mesmo e ao restante do mundo; porém, tem de se definir simultaneamente, através do pensar, como um indivíduo que está em oposição às coisas.” (2000, p.47). Ou seja, o homem além de pensar e definir o mundo precisa pensar e definir a si próprio por meio do pensar, sendo seu próprio objeto.

O autor questiona-se então como o objeto de percepção, que se defronta com o pensar no momento da observação, entra na consciência. Para responder tal questionamento é preciso retirar do campo de observação tudo que foi inserido pelo pensar, para tal é preciso imaginar um ente inteligente surgindo do nada e observando o mundo. O mundo apresentaria a tal ente, apenas um conjunto desconexo dos objetos da percepção, a saber, percepção das cores, dos sons, pressão, calor, olfato, paladar, sentimentos de prazer e desprazer; tal conjunto é o conteúdo da observação livre de conceitos.

Steiner vai então, procurar a relação entre o conteúdo da observação e o sujeito consciente de si mesmo. Ele explica, por conseguinte que usará a palavra percepção para denominar os objetos dados imediatamente pela observação para o sujeito consciente.

Segue então que o homem ingênuo considera sua percepção como algo existente independente dele, entretanto ele muda tal consideração ao se deparar com situações que contradizem aquela que acreditava como correta, assim, precisamos nos retificar de nossas

observações constantemente e isso se dá porque a imagem do objeto que observo se modifica quando mudo meu local de observação, ou seja, há uma interdependência entre a percepção e o local de observação do sujeito pensante. Steiner insere então mais dois conceitos o de matemática que, para ele é a dependência da percepção que o sujeito pensante tem do local de observação, esta determinará as relações de grandeza e tamanho, e de qualitativa ele chamará a dependência da constituição deste sujeito pensante, já esta determinará a qualidade das percepções.

Temos com isso que a princípio as imagens perceptivas são subjetivas, tal evidência pode, contudo, trazer grandes dúvidas se há algo contido em tais imagens e a visão de que as coisas só existem se eu as percebo é apresentada e, para o autor não é possível objetá-la enquanto se considerar apenas de maneira geral que a percepção é condicionada pelo sujeito. Todavia “A situação se modificaria essencialmente se fôssemos capazes de descrever a função do ato de perceber no vir-a-ser de uma percepção. (2000, p.51). Pois desta forma saberíamos o que acontece com a percepção enquanto ela percebe e seria possível determinar o que existe na percepção antes de ser percebida.

3.2 O SUJEITO PENSAnte E OS EQUÍVOCOS DA CIÊNCIA

Com isso a investigação passa do objeto para o sujeito da percepção. O sujeito é capaz tanto de perceber o objeto como de perceber a si próprio e ele é capaz de ter essa percepção de si mesmo enquanto tem outras percepções. Ao perceber um objeto, inicialmente, tenho apenas a consciência do mesmo, quando eu adiciono a minha percepção dele, além de ter a consciência, agora tenho também a mim mesmo diante do objeto, percebendo-o. Steiner traz o exemplo da árvore, eu não só vejo a árvore, como eu sei que sou eu quem a vejo e neste momento sou modificado pela árvore, pois quando esta desaparece, fica um resíduo do processo ocorrido em minha mente e esse resíduo é o que Steiner chamará de representação, no caso da árvore, ou seja, a representação só é possível porque há uma percepção por parte do próprio sujeito em se perceber observando os objetos e há, por conseguinte, uma modificação no próprio sujeito pelo objeto percebido.

Segue então uma diferenciação entre mundo externo e mundo interno, sendo este o conteúdo de minha autopercepção e aquele os objetos que me contrapõem. Para o autor a confusão a respeito da relação entre representação e objeto provocou os maiores equívocos

na filosofia de sua época, ele diz que por terem colocado a percepção da modificação que o meu sujeito sofre ao experimentar, perdeu-se de vista o objeto que causa tal modificação e daí concluiu-se que não sou capaz de experimentar o objeto em si, mas apenas minhas representações. Ele faz, então, uma diferenciação entre Berkeley e Kant, dizendo que para o primeiro não existem objetos fora do ato de representar, enquanto que para Kant esses objetos existem, entretanto não somos capazes de apreendê-los, isso se dá em virtude de nossa organização intelectual, só podemos saber das modificações ocorridas em nossos pensamentos subjetivos, para Steiner isso é constatar algo absolutamente certo, que convence de maneira imediata e sem qualquer prova.

Steiner cita, então, Volket em sua obra “A teoria do conhecimento de Immanuel Kant” e explicita o percurso da argumentação dizendo que o homem ingênuo acredita que os objetos são da forma como os concebe, entretanto para a Física, Fisiologia e Psicologia a percepção depende daquilo que nossa organização nos transmite das coisas, ou seja, luz, calor, cor, aquilo que sinto pelo tato são apenas as reações dos meus nervos aos acontecimentos externos. Steiner descreve ainda a Física moderna de sua época dizendo que de acordo com ela os corpos são compostos de elementos infinitamente pequenos denominados moléculas, entretanto as mesmas não se tocam diretamente, há um espaço vazio entre elas e sua atuação se daria mediante forças de atração e repulsão.

A seguir Steiner diz que a doutrina das chamadas energias específicas de J. Müller complementa a concepção acima, segundo tal doutrina todos os órgãos dos sentidos possuem e respondem a todos os estímulos externos de uma maneira específica, o que significa que nossos sentidos só podem transmitir o que acontece neles próprios, em outras palavras, é a natureza dos sentidos que determina as percepções.

Steiner traz ainda o que a fisiologia mostra sobre o conhecimento direto do que os objetos produzem em nossos sentidos. Ao analisar os processos em nosso corpo o fisiólogo crê que “O que se processa no cérebro é o resultado de tantos passos intermediários, que não se pode mais falar em semelhança alguma com o processo real externo.”, ou seja, desta forma jamais saberemos o que realmente acontece e não poderemos confiar naquilo que recebemos de nossos órgãos dos sentidos, em especial olhos e ouvidos. Steiner nos diz que esse processo físico que se desenrola não tem semelhança alguma com o que é dado a minha consciência, o que esta recebe Steiner denomina de sensação. Acrescenta ainda que o cérebro só pode transmitir sensações isoladas, por mais que as sensações estejam sendo transmitidas por um mesmo objeto, esta reunião de todas as sensações só acontece quando

cada uma delas chega à alma do sujeito. E é por isso que os cientistas e filósofos acabam caindo em erro, mesmo que pareça que suas considerações são constatações absolutamente corretas e que não exigem provas.

3.3 O PENSAR COMO BASE PARA O CONHECIMENTO DO MUNDO

Segundo Steiner, as percepções não podem ser meras representações, pois o mundo não é um produto mental. Ele ainda critica o que ele denomina Ilusionismo Absoluto, Realismo transcendental e realismo ingênuo, segundo ele essas concepções tentam se fixar no mundo real através do exame da percepção, entretanto são incapazes de encontrar nela um ponto firme. Para o autor os defensores do realismo transcendental deveriam fazer a seguinte pergunta: “Como é que o eu consegue realizar, a partir de si mesmo, o mundo das representações?” (2000, p. 63). Ao analisar profundamente a questão, percebe-se que ao buscar o conhecimento o interesse pelo mundo, dado como representação só poderá ocorrer se o mundo for o meio para investigar individualmente o mundo do eu existente em si. Caso os conteúdos que obtemos pela experiência fossem apenas representações mentais, nossa vida cotidiana seria o mesmo que um sonho e o reconhecimento do verdadeiro estado de coisas seria o acordar. Em relação a isso sucede que ao fazer tal comparação observamos a oposição entre sono e vigília, entretanto se trazemos a consciência acordada não encontramos qualquer oposição. Por outro lado, para Steiner quem segue tal raciocínio não percebe que há o pensar entre o perceber e as vivências da consciência acordada em relação ao sonho.

Para entender melhor a questão é preciso indagar: “qual é a relação entre pensar e percepção?” (2000, p.65). Steiner responde que entre a percepção e qualquer enunciado que se faça sobre ela o pensar entra se intercalando. Steiner salienta que ao dirigirmos a nossa atenção apenas ao objeto sem voltarmos para o pensar, este nos passa despercebido e ao tentar explicar como conhecemos o mundo, os esforços parecem-nos insuficientes, ele ainda nos coloca que por mais que as coisas existam sem que nós as pensemos, o conceito das mesmas só surgem quando uma mente pensante as abrange. Não há fundamento em considerar a soma de nossas percepções como uma totalidade e o resultado da atividade pensante como algo que se acrescenta sem que faça parte do objeto real. Steiner dá o exemplo de um botão de rosa. Se eu não desgrudar os olhos do botão de rosa, acompanharei suas micromudanças para que se apresente de outra maneira para mim

no dia seguinte. Portanto, a imagem que vejo em um momento determinado “é apenas um aspecto casual do objeto que se encontra num devir constante” (2000, p.66)

A mente deve considerar o conceito como pertencente ao objeto. A nossa organização nos permite que os objetos da realidade nos cheguem através tanto do perceber quanto do pensar. Contudo, essa organização nada tem a ver com a natureza das coisas. Os elementos que pertencem às coisas e os que não pertencem, não podem depender da maneira como sou organizado para conhecê-las. O homem é limitado, depende do tempo e do espaço, por isso as coisas se apresentam como uma parcela restrita do universo, por isso as coisas nos apresentam como particularidade quando na verdade elas são um todo não separado. A separação de conceitos que fazemos para conceber as coisas é um ato subjetivo e se deve ao fato de não sermos idênticos com o mundo todo, mas apenas um ser entre outros seres. O que devemos então é definir a relação que ocorre entre nosso ser e os demais seres, tal ato de autodefinição deve ser diferente da simples autoconsciência, pois esta está baseada no perceber, assim como a conscientização de qualquer outra coisa. Precisamos distinguir o que sabemos de nós por introspecção daquilo que podemos chegar por meio do pensar. O pensar me relaciona com o mundo, ele não é individual como as sensações e os sentimentos, mas sim universal, ele recebe uma expressão individual em cada homem quando se associa aos sentimentos e sensações de cada homem e é por isso que o pensar se individualiza em cada homem em relação ao pensar universal. Steiner traz o exemplo do triângulo, só há um conceito pra ele, independente de quem o pensa, seu conteúdo continua sendo o mesmo, entretanto é pensado individualmente por cada homem.

Steiner traz então o conceito de intuição, segundo ele a intuição é uma das fontes do conhecimento humano, em suas palavras:

O pensar leva esse conteúdo, haurido do mundo de conceitos e idéias do homem, ao encontro das percepções dos sentidos. Diferente do conteúdo perceptual, que vem de fora, o conteúdo conceitual surge no interior do homem. À forma como se apresenta inicialmente queremos chamar de intuição. A intuição é para o pensar o que a observação é para a percepção. Intuição e observação são as fontes de conhecimento humano. Um objeto observado permanece estranho e incompreensível enquanto não descobrimos por intuição o complemento conceitual da realidade que a percepção não nos dá. Quem não tem a faculdade de intuir o complemento conceitual, não consegue ver a realidade completa das coisas. Assim como uma pessoa daltônica só distingue matizes de preto e branco, aquele que só percebe, sem desenvolver a intuição conceitual correspondente, observará apenas fragmentos da realidade sem nexos. (STEINER, 2000, p. 71)

Temos, então, que para Steiner o pensar traz o conteúdo das coisas do mundo de conceitos e ideias existentes no homem de encontro às percepções dos sentidos, enquanto o conteúdo perceptual vem de fora, o conteúdo conceitual está dentro do homem e a forma como se apresenta inicialmente o autor denomina intuição, esta nos traz a compreensão e a realidade que apenas com a observação não nos é possível acessar. Assim podemos explicar ou entender algo, recolocando o objeto nonexo e na ordem conceitual do qual a separamos as características com nossa subjetividade, com a forma que somos organizados. O pensar é o que reintegra o que nossos sentidos separam para que possamos perceber as coisas, é ele que detém o nexo entre sujeito e objeto, não os sentidos.

É preciso ainda entender o que ele chama por representação mental. Segundo Steiner é o que resta quando o objeto não está mais diante de nós e é, portanto, uma percepção subjetiva, é um conceito individualizado. Ela está situada entre a percepção e o conceito, é o conceito com uma certa referência à percepção. A soma de tudo que posso formar representações, Steiner determina de experiência, quanto maior o número de conceitos individualizados, mais rica será minha experiência. Com isso não basta ficar mergulhado no mundo das percepções ou em sistemas abstratos, preciso de ambos para adquirir uma rica experiência. Pois a manifestação da realidade no sujeito é a representação mental, e tal realidade se nos revela tanto por meio da percepção quanto do conceito. Ou seja, precisamos tanto do pensar quanto do sentir, enquanto por meio do primeiro participamos do universo geral, com o segundo podemos nos retrair no nosso mundo próprio.

É preciso salientar que para Steiner não há limites para a cognição. Segundo ele, este equívoco surge por parte dos dualistas que projetam a diferença entre sujeito e objeto para aqueles objetos que não se encontram no campo da percepção. Para Steiner, os limites que encontramos ao tentar entender determinado fenômeno são transitórios e serão superados com o progresso da percepção e do pensar. O autor defende uma visão monista em que a experiência empresta os princípios necessários para explicar o mundo, tal monismo se recusa a procurar fora do mundo, por meio de deduções abstratas à percepção e ao pensar. Entende que o indivíduo humano particular não é, na realidade, separado do mundo, mas uma parte dele e que existe uma conexão entre o homem e o todo do cosmo, tal conexão só é interrompida para a percepção dos sentidos, mas não é interrompida na realidade e tal conexão é reestabelecida pelo pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traçou o percurso do filósofo austríaco Rudolf Steiner em relação ao seu conceito de pensamento. Vimos as questões que desde a juventude lhe eram caras. A saber, a possibilidade de conhecer apenas pelo mundo espiritual; como o pensar humano se situa diante do criar da natureza; bem como o desejo por educar seu próprio pensamento para que nenhum sentimento indefinido pudesse interferir no mesmo. Vimos também como Steiner passou sua juventude em uma aflição interna por estudar tão profundamente a ciência de sua época e não ter bases para sustentar sua oposição ao pensamento vigente de sua época, o que ele possuía era apenas uma intuição. Ele encontra então em Goethe as bases para fundamentar aquilo que ele considerava certo, pois percebeu nos estudos científico-naturais do pensador alemão o ponto de partida para uma cosmovisão alternativa em relação à de sua época. Goethe não concordava com a separação que a ciência impunha para entender o funcionamento da natureza, entretanto ele não se propôs a colocar tais pensamentos em uma linguagem científica, tampouco a examinar o seu próprio modo de pensar o mundo. Este foi então o passo que Rudolf Steiner deu em relação a Goethe: ele parte do modo como Goethe pensava e o traz para uma linguagem científica, propondo-se a pensar o pensar.

Passamos então para o conceito fundamental deste trabalho: o conceito de Pensamento. A primeira obra que Steiner escreveu foi sobre seus estudos acerca de Goethe: O método cognitivo de Goethe, em tal obra Steiner define o pensamento de Goethe como sendo unitário, o que significa que seu pensamento não é o mesmo durante todo tempo, mas muda de acordo com o objeto observado, pois são as próprias coisas que lhe conferem o pensamento a ser seguido sobre elas. Tal pensamento se contrapõe ao pensamento uniforme utilizado pela ciência. Este tipo de pensamento é de caráter subjetivo e não é capaz de responder aos nossos questionamentos. Steiner caracteriza ainda o método de observação de Goethe em duas etapas: tomar os objetos como eles são na tentativa de penetrar sua natureza sem tomar qualquer opinião subjetiva e depois estabelecer as condições sob as quais os objetos possam relacionar-se e esperar o resultado de tal relação.

Seguimos então com a conferência e os exercícios propostos por Rudolf Steiner para a educação do pensamento. Vimos que tais exercícios atuam para que consigamos obter um pensamento elástico que se adequa conforme a apresentação dos fenômenos. Daqui, é possível extrair que os exercícios propostos têm como objetivo tornar nossa vida

mais prática, e se fundamentam no método cognitivo de Goethe, pois ao analisar os exercícios, fica evidente que eles propõem em essência aquilo que o poeta fazia em sua vida, ou seja, observar fenômenos sem julgar, deixar que as forças cósmicas atuem, mesmo que a princípio não possam ser percebidas ou entendidas – vale ressaltar que tal situação é passageira, pois para o nosso autor não há limites para a cognição –, relacionar os fenômenos com as condições apresentadas e aguardar o resultado de tal relação.

Partimos, em seguida, para o estudo da obra *A Filosofia da Liberdade* em que o autor usa como fio condutor duas questões, a primeira é se podemos ter certeza daquilo que conhecemos, e a segunda é se somos realmente livres. Para Steiner a resposta da segunda depende do ponto de vista da primeira e, para ele, a resposta para ambas as perguntas é positiva. Em sua obra que contém as bases filosóficas para a Antroposofia, ele defende que podemos confiar no que conhecemos, pois o que conhecemos está fundamentado no pensar, bem como somos livres, pois somos livres para pensar. As questões que nos restam então são: qual a relação do homem com o pensar? Como o pensar pode ser a resposta para ambas as perguntas?

Para o nosso autor o pensar é algo em si, ele não depende de nós, nem ocorre apenas no nosso íntimo, o pensar é objetivo e está presente em todas as coisas do mundo o que precisamos fazer é acessá-lo. Para tal, é preciso utilizarmos da junção de dois pontos de partida, sendo um o próprio pensar e o outro a observação. O importante é observarmos o nosso próprio pensar, por sermos seres conscientes somos capazes de tal ato. Ao observarmos o nosso próprio pensar entrarmos em estado de exceção, diferente de pensar algo externo a mim, eu penso algo que está dentro, no meu mundo interno. Para Steiner este é o ponto máximo que podemos chegar sobre o pensar. Ademais esta relação entre o homem e o pensar se dá através da consciência, isto é, a consciência é o meio que temos para acessar os pensamentos do mundo, bem como os nossos próprios (autoconsciência).

O autor nos esclarece que a dificuldade de chegarmos a tal ponto, se deve ao fato de nos considerarmos duais, separamos ao longo da história da ciência e da filosofia como o homem sendo alheio ao mundo, entretanto para Steiner nós somos parte do mundo e tudo que se encontra nele não pode depender de nossa organização para concebê-lo. As coisas são em si e se eu não as compreendo, é por não ter exercido minha observação e pensar de acordo com o que elas demandam. Devido à minha organização eu separo as coisas no momento em que as percebo, bem como para extrair-lhes seus conceitos, entretanto esta

separação só existe para mim, pela forma como sou organizado. Mas na realidade não existe tal separação, as coisas são um todo em si e com o mundo, bem como o homem, que tem a sua individualidade e consegue fazer a percepção e diferenciação entre eu e mundo, mas nem por isso deixa de ser parte do mundo e um todo.

Com isso o autor justifica sua visão monista do mundo, segundo ele apesar de precisarmos, pela nossa organização fisiológica, separar as coisas, na realidade elas são um todo, nós também participamos deste todo, mesmo que não percebamos, este todo e todas essas relações são dadas através do pensar. O pensar nos colocar em relação com o mundo, juntamente com nossas percepções. O pensar nos liga com o mundo em geral, externo, enquanto os sentimentos nos ligam com nosso mundo interno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

STEINER, Rudolf. **A educação prática do pensamento**; tradução: Octavio Indez de Souza. 3.ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

STEINER, Rudolf. **A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo o método das ciências naturais**; tradução de Marcelo da Veiga. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINER, Rudolf. **Intuitive thinking as a spiritual path: a philosophy of freedom**. Hudson, NY: Anthroposophic Press, 1995.

STEINER, Rudolf. **Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia**; tradução Rudolf Lanz, Bruno Callegaro, Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2006.

STEINER, Rudolf. **O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana**; tradução Bruno Callegaro, Jacira Cardoso. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004.

HEMLEBEN, Johannes. **Rudolf Steiner**: monografia ilustrada. São Paulo: Antroposófica, 1984.